

## UMA PROPOSTA DE RELEITURA DO SAGRADO NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Doutorando Cristiano Camilo Lopes (USP)

### **Resumo:**

Este texto tem por objetivo fazer uma releitura do sagrado na curvatura do tempo. Partindo-se de uma concepção dialética (BENJAMIN, 1999), entende-se que a combinação entre os movimentos de circularidade e retilinidade promove a incorporação e o desenvolvimento do sagrado ao longo da história. A literatura, como disseminadora do poder da palavra, articula a esperança “sabedora e concreta” que, por sua vez, apresenta um novo paradigma sob o qual a vida se faz. Como ressalta Papes (2009), nos efeitos decorrentes da desumanização, o homem se vê impelido a buscar um propósito de vida para superar as crises afetivas e identitárias. Nessa busca, o sagrado se apresenta como uma alternativa para o homem. Portanto, como uma ‘aventura espiritual’, a literatura revela, em diversas de suas produções, uma experiência sobrenatural, uma manifestação do sagrado, que não está vinculada estritamente com questões religiosas, mas volta-se para o homem e sua vivência. Assim, propõe-se investigar como as marcas do sagrado se fazem presentes na obra *Escritura* de Bartolomeu de Campos Queirós, a fim de discutir-se o papel da literatura na construção da identidade do homem.

**Palavras-chave:** Sagrado, Literatura Infantil e Juvenil, Transcrição, Função Poética

### **1 Introdução**

Em diversas de suas produções, a literatura registra manifestações do sagrado, que não estão vinculadas estritamente a questões religiosas. Na verdade, revelam o homem em sua vivência.

Pensando na relevância do sagrado na literatura, entendemos que esse estudo nos permite ver, na produção literária, a formação da identidade do homem em contato com o sagrado e em seu reencontro com si mesmo, a partir do encontro com o seu Princípio.

O sagrado se apresenta como “um vínculo orgânico universal que conecta em rede dinâmica essa pessoa e esse mundo” (TESCAROLO, 2005, p. 158). Portanto, nossa proposta é verificar o retorno do sagrado e a sua presença na literatura para crianças e jovens.

Quando falamos do mito do eterno retorno (Eliade, 2007), propomos uma releitura do sagrado na curvatura do tempo. Em outras palavras, parte-se de uma concepção dialética da História, da combinação entre a circularidade e a retilinidade: “[...] conforme o movimento dialético espiral, que retoma, interfere e projeta essa forma. A forma artística, embalada por gestos criativos similares, retoma então o modelo e impulsiona-o, não permitindo assim que ele se petrifique” (ABDALA, 1999, p. 165). Há, portanto, a incorporação e o desenvolvimento do sagrado.

Com seu apelo à luz da razão e do avanço do progresso técnico-científico, a modernidade,

em certa medida, afastou o homem da possibilidade de apegar-se ao sagrado. Contudo, a história da filosofia nos mostra que a própria razão moderna entrou em crise, pois não conseguiu responder às questões humanas. Com isso, o homem tem se mostrado como um ser à procura de sentido, valor e esperança, elementos que orientem sua existência. Nesse caso, a razão parece não proporcionar tais valores ao homem.

Assim, julgamos necessário refletir sobre o eterno retorno do sagrado, que não deixa de se manifestar na contemporaneidade.

## **2 A transcrição do sagrado em *Escritura*, de Bartolomeu Campos Queirós**

A obra *Escritura* de Bartolomeu Campos Queirós foi publicada em 1990 e narra a história do nascimento de Cristo ressaltando que, “diante do enigma da vida o poeta volta à Palavra Reveladora de Deus” (COELHO, 2006, p. 129) O título *Escritura* remete à Bíblia Sagrada também chamada de Escritura Sagrada. Contudo, essa intertextualidade tanto incorpora o termo bíblico como o projeta para além do sentido religioso. Nesse sentido, podemos dizer que o termo escritura expressa uma ambiguidade, que remete à Bíblia, mas também retoma a tessitura do fazer poético como ato sagrado.

Dessa forma, consideramos que a obra é na realidade uma transcrição da história do nascimento de Jesus Cristo. , na obra, observamos a incorporação e a projeção do texto bíblico, resultando em uma rede de novas significações que vão além dos sentidos tradicionais.

Em primeiro lugar, essas significações transpõem o conteúdo teológico/religioso , uma vez que expressam a função poética evidenciada na materialidade signica. A forma não é somente adorno da linguagem, mas assume um aspecto fundamental na sintetização de emoções e impressões. Isso pode ser verificado em dois aspectos formais presentes na obra: o eixo metafórico e o eixo metonímico.

Ao analisar *Escritura*, percebemos que a metáfora não se apresenta somente como um elemento de linguagem (lógico e reflexivo). Esse recurso linguístico reflete o modo como o homem pensa:

a metáfora não somente uma questão de linguagem, o dizer de palavras meramente. Sustentamos que, pelo contrário, os processos do pensamento humano são em grande medida metafóricos [...] o sistema conceitual humano está estruturado e se define de uma maneira metafórica. (LAKOFF; JOHNSON, 2009, p. 42, tradução nossa)

Nos trechos em que José reflete ou toma alguma atitude em relação a Jesus, o narrador faz menção a Jesus, valendo-se de metáforas:

Assim manso, a paz rabiscava em seu rosto breves rugas em doçura e fortaleza. Ungido pelo suor, José se recolhia em solitário silêncio para melhor adotar o **destino**. (QUEIRÓS, 1998, p. 11) (negrito nosso)

No abandono de certas tardes - entre fadigas e propósitos - a infância visitava o homem. Esculpindo pequenos pastores e rebanhos, modelando jumentos e bois, o carpinteiro videnciava **menino** correndo entre as lidas do dia, brincando sob sombra de oliveiras, sem pranto. (QUEIRÓS, 1998, p. 23) (negrito nosso)

Seguiam José e Maria o destino de Belém. Tinham o caminhar macio, escolhendo cuidados para não machucar a **poesia** em vésperas de revelação. (QUEIRÓS, 1998, p. 23) (negrito nosso)

José, convertido pelo encantamento, visitava o futuro. Ele sabia que o presente era pequeno para abrigar o ainda **secreto**. (QUEIRÓS, 1998, p. 24) (negrito nosso)

Por meio das metáforas **destino**, **menino**, **poesia** e **secreto**, podemos observar a perspectiva que José tinha dos acontecimentos futuros que o aguardavam. José não era o pai biológico do menino, mas tinha um compromisso de noivado com Maria. Assim, era preciso que a personagem aceitasse a vontade divina de tornar Maria, sua noiva, mãe de Jesus. Dessa forma, o olhar de José para Jesus, expresso em metáforas, revela o conhecimento dos propósitos de Deus para Maria, bem como o reconhecimento de que esse propósito era singular (ser a mãe de Jesus).

Com o termo **destino**, temos referência à presciência divina demonstrada no plano divino para José e Maria como pais de Jesus. O termo **menino**, por sua vez, refere-se à vida doméstica de José e Jesus. Entre os seus elementos da rotina estava o trabalho dos dois na carpintaria de José. **Poesia** abarca a totalidade do esplendor da vida de Jesus: sua vida e obra emitem um som que causa beleza a todo o que o contempla. **Secreto** evidencia o discernimento de José sobre o tempo oportuno de Jesus se manifestar entre os homens. Portanto, o que podemos ver sobre Jesus, por meio dessas metáforas, é uma descrição com uma delicadeza poética que produz um novo significado: “As implicações metafóricas podem caracterizar um sistema coerente de conceitos metafóricos e um sistema coerente correspondente de expressões metafóricas desses conceitos.” (LAKOFF; JOHNSON, 2009, p. 45, tradução nossa)

Temos, assim, na metáfora uma relação de semelhança que forma um novo paradigma para os conceitos já conhecidos sobre Jesus e sobre o sagrado. Essa projeção nova incorpora os símbolos que circunscrevem a pessoa de Jesus sem, contudo, anulá-los. Em outras palavras, tem-se a projeção de novos ícones (novas figuras) sobre os símbolos (as antigas palavras), e isso confirma a função poética de uma obra: “[...] podemos dizer que a função poética da linguagem se marca pela projeção do ícone sobre o símbolo [...] fazer poesia é transformar o símbolo (palavra) em ícone (figura) [...]” (PIGNATARI, 2006, p. 17s)

O recurso da personificação também integra o eixo metafórico. É uma forma de metáfora e costuma ser classificada como metáfora ontológica. Na personificação

[...] as metáforas ontológicas mais óbvias são aquelas nas que o objeto físico se especifica como uma pessoa. Isto nos permite compreender uma ampla diversidade de experiências com entidades não humanas em termos de motivações, características e atividades humanas. (LAKOFF; JOHNSON, 2009, p. 71, tradução nossa)

Em *Escritura* há uma abundância de expressões carregadas de personificação:

Ainda que exaurindo imaginários jamais desvelarei a Origem. Contudo a **minha alma se alimenta** da Palavra. (QUEIRÓS, 1998, p. 5) (negrito nosso)

Assim manso, a **paz rabiscava** em seu rosto breves rugas em doçura e fortaleza. Ungido pelo suor, José se recolhia em solitário silêncio para melhor adotar o destino. (QUEIRÓS, 1998, p. 11) (negrito nosso)

Seduzida pelo recado do céu, **fertilizada pela palavra**, a Senhora se trancou em festas. (QUEIRÓS, 1998, p. 21) (negrito nosso)

O sol, nesta hora, **ensaiava adoçar o mundo**, encastoando em luz as linhas dos montes. (QUEIRÓS, 1998, p. 23) (negrito nosso)

O **olhar** de Maria **recolhia** as ovelhas e **segredava** onde prados mais verdes, onde folhas mais tenras, onde fontes mais frescas. (QUEIRÓS, 1998, p. 23) (negrito nosso)

E as **raízes confidenciavam** notícias às pedras que se faziam preciosas. (QUEIRÓS, 1998, p. 23) (negrito nosso)

As personificações de *Escritura* para a lógica de um novo sagrado que processa a vida poeticamente. Se, na tradição, os elementos sagrados se apresentam de forma categorizada em

oposição ao profano, em *Escritura*, o sagrado veicula a arte e exala a poesia. É uma nova experiência revelada pela metáfora:

As metáforas ontológicas servem a diversos efeitos e os diferentes tipos de metáforas refletem os tipos de fins a que servem [...] as metáforas ontológicas como esta são necessárias inclusive para tratarmos de enfrentar as nossas experiências de maneira racional. (LAKOFF; JOHNSON, 2009, p. 64, tradução nossa)

Há ainda o eixo metonímico corroborando a função poética de *Escritura*. Por meio da metonímia percebemos a riqueza dos símbolos e, assim, entendemos que:

O simbolismo cultural e religioso constitui um caso especial de metonímia [...] os sistemas conceituais das culturas e as religiões são de natureza metafórica. As metonímias são ligações críticas entre a experiência cotidiana e os sistemas metafóricos coerentes que caracterizam as religiões e as culturas. As metonímias simbólicas que se passam em nossa experiência física são um meio essencial de compreender os conceitos religiosos e culturais. (LAKOFF; JOHNSON, 2009, p. 78, tradução nossa)

Ao narrar a postura de Maria como mãe de Jesus, o narrador se vale da metonímia (a parte pelo todo) a fim de descrever o comprometimento do caráter de Maria com o propósito divino:

Maria ainda menina, aprendera a ler no livro de Ana. (QUEIRÓS, 1998, p. 9)

Maria, que aprendera a decifrar os sinais no livro de Ana leu em sombras sinuosas o caminho do calvário. (QUEIRÓS, 1998, p. 21)

Mas a mulher, que aprendera a ler no livro de Ana, propositadamente aspergia mais migalhas, como que prolongando o diálogo. (QUEIRÓS, 1998, p. 24)

O livro de Ana faz menção a uma passagem do livro de I Samuel, encontrado no Antigo Testamento da Bíblia. Nele, há a história de Ana, mãe de Samuel, que enfrentou um longo sofrimento até que seu filho fosse gerado por intervenção divina. Note-se a gradação do texto na descrição de Maria por meio da metonímia “menina, Maria, mulher”. Essa gradação apresenta o amadurecimento de Maria não só em relação à vida mas também em relação ao discernimento do propósito divino para ela, como mãe, e para Jesus, como filho. Esse propósito divino fora anunciado pelos profetas do Antigo Testamento, e agora, na metonímia, percebemos a familiaridade de Maria

com esse patrimônio da educação judaica. Assim, Maria assume o símbolo de entrega e desprendimento para o cumprimento da vontade de Deus, mesmo que nesse propósito esteja a morte de seu filho.

Todos esses elementos metafóricos e metonímicos evidenciam a função poética da obra na relação entre forma e conteúdo. Essa relação, por sua vez, configuram uma epifania. Há uma manifestação nova do sagrado, até então não planejada e jamais vista.

Em segundo lugar, a rede de significações de *Escrituravai* além dos sentidos tradicionais porque traspassa dos territórios (lugares) e os tempos (espaço/tempo).

O texto parte do local e fala ao homem universal (em todos os lugares e em todas as épocas). Por meio de um repertório comum (intertextualidade - nascimento de Cristo) ele transcriba e percorre um caminho não trilhado pelas traduções religiosas.

Essa transcendência espaço/temporal pode ser verificada nas seguintes passagens da obra: “Fazes circular o sagrado na carne do mundo e na espessura da língua é gesto audacioso, pois cria, para desassossego de tudo o que há, um paroxismo de verdade.” (QUEIRÓS, 1998) É o entrecruzamento do tempo/espaço cíclicos do sagrado, chamado de eterno retorno e, além disso, a remete ao espaço interno do homem, evidenciando a necessidade humana de um Princípio norteador para o viver. O prelúdio e o poslúdio sugerem essa necessidade ao narrar origem do mundo em múltiplas transformações de expressão:

**Houve** o céu e a terra. **Houve** oceanos e montanhas, noites e manhãs. Peixes, aves e ervas verdes se multiplicaram sob o sol e a lua. Depois do sexto dia, presidindo a tudo - mesmo os animais selvagens - **houve** o homem e a mulher.

Não me pergunte desde quando tudo **houve**. Eu não estava lá. Sei apenas sopros desta história. Sim, todas as horas são poucas, toda distância é pequena, todo calendário é insuficiente para medir o eterno.

Ah! O eterno é o sempre. Não tem nós de nascimentos ou embaraços de mortes. E o pensamento, este é terreno demais para decifrar intenso mistério. (QUEIRÓS, 1998, p. 7) (negrito nosso)

**Há** o céu e a terra. **Há** oceanos e montanhas, noites e manhãs. Peixes, aves e ervas verdes se multiplicaram sob o sol e a lua. Depois do sexto dia, presidindo a tudo - mesmo os animais selvagens - **há** o homem e a mulher.

Não me pergunte desde quando tudo **há**. Eu não estava lá. Sei apenas sopros desta história. Sim, todas as horas são poucas, toda distância é pequena, todo calendário é insuficiente para medir o eterno.

Ah! O eterno é o sempre. Não tem nós de nascimentos ou embaraços de mortes. E o pensamento, este é terreno demais para decifrar intenso mistério. (QUEIRÓS, 1998, p. 30) (negrito nosso)

O uso do verbo haver, a princípio, no pretérito perfeito (houve) e, em seguida, no presente (há) sugerem que, embora os tempos sejam diferentes a cada geração, o homem continua o mesmo.

## **Conclusão**

Em tempos de “pós-utopia” (MANDELBAUM, 2009, p. 64), ou “pós-humanismo” (SANTAELLA, 2003), ou novo humanismo (ser-em-processo), a palavra literária proporciona a expansão da linguagem (e a linguagem é inerente ao homem) para superar a dispersão e a alienação presentes no cotidiano contemporâneo. Percebemos, então, que, nesse novo homem em processo, surge, na palavra literária, um viés sagrado que opera contra dissoluções e fragmentações do homem atual.

## **Referências Bibliográficas**

- ADBALA, Benjamin, Jr. **Comparando Textos das Literaturas de Língua Portuguesa.** : Culturas, Contextos e Discursos. Limiares Críticos no Comparatismo. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil.**5.ed., São Paulo: Ibep, 2006.
- ELIADE, Mircea. **Mito do Eterno Retorno: cosmo e história.**Trad. José Antonio Ceschin. 9.ed., São Paulo: Editora Mercuryo, 2007.
- Mandelbaum, Enrique. **Destraduzindo a Bíblia. A realização utópica de Haroldo de Campos.**In: A Bíblia e suas traduções. São Paulo: Humanitas, 2009.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas de la vida cotidiana.**8.ed., Madrid: Cátedra, 2009.
- PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética.**9.ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- QUEIRÓS, Bartolomeu C. **Escritura.**3.ed., Belo Horizonte: Maza, 1998.
- Santaella, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano.** São Paulo: Paulus, 2003.
- TESCAROLO, Ricardo. **A Escola como Sistema Complexo; a ação, o poder e o sagrado.** São Paulo: Escrituras, 2005.